



# A Santa Sé

---

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

*Inteligência, coração, contemplação*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 43 de 24 de Outubro de 2013*

Na homilia da missa celebrada na manhã de terça-feira, **22 de Outubro**, o Papa afirmou que Deus não nos salvou por decreto ou por lei mas com a sua vida. Naturalmente trata-se de algo que não é fácil compreender nem explicar. A este propósito o Santo padre indicou três palavras que podem facilitar a nossa compreensão: contemplação, proximidade e abundância.

Antes de tudo a contemplação. Sem dúvida trata-se de um mistério extraordinário, a ponto que «a Igreja, quando quer dizer-nos algo sobre este mistério, usa só uma palavra: admiravelmente. Diz: Ó Deus, tu que admiravelmente criaste o mundo e mais admiravelmente o recriaste...». Para compreender é necessário pôr-se de joelhos, rezar e contemplar. A segunda palavra à qual o Papa se referiu é «proximidade». «A imagem que me vem em mente — confidenciou o Pontífice — é o enfermeiro ou a enfermeira que num hospital cuida das feridas uma por uma, mas com as suas mãos. Deus entra nas nossas misérias, aproxima-se das nossas chagas e cura-as com as suas mãos; e para ter mãos fez-se homem.

A terceira palavra é «abundância». Na carta de Paulo repete-se diversas vezes: «Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça». Assim entende-se também «a preferência de Jesus pelos pecadores. Acusavam-no de estar sempre com os publicanos, com os pecadores. Comer com os publicanos era um escândalo, porque no coração destas pessoas abundava o pecado».

Certamente, frisou o Pontífice, há pessoas que não gostam de ouvir dizer que os pecadores estão mais perto do coração de Jesus, que «ele vai procurá-los, chama todos. E quando lhe pedem uma explicação, diz: mas, quem tem boa saúde não precisa de médico; vim para curar, para salvar em abundância». Alguns santos, recordou o Papa, «dizem que um dos pecados piores é a desconfiança, não confiar em Deus. Mas como podemos não confiar num Deus tão próximo, tão bom, que prefere o nosso coração pecador? É assim este mistério: não é fácil compreendê-lo, não se entende bem, não se pode entender só com a inteligência.

No início da homilia da missa celebrada na manhã se segunda-feira, **21 de Outubro**, o Santo Padre recordou a figura do homem que pede a Jesus que intime ao seu irmão para dividir com ele a herança. Com efeito, para o Pontífice o Senhor fala-nos através desta personagem «da nossa relação com as riquezas e com o dinheiro». Um tema que não é só de há dois mil anos mas que se apresenta ainda hoje, todos os dias. «Quantas famílias destruídas — comentou — vimos por problemas de dinheiro: irmão contra irmão; pai contra filhos!». Porque a primeira consequência do apego ao dinheiro é a destruição do indivíduo e de quem lhe está próximo. Certamente, o dinheiro não deve ser exorcizado de modo absoluto. «O dinheiro — esclareceu o Papa Francisco — serve para realizar tantas coisas boas, tantas obras, para desenvolver a humanidade. O que deve ser condenado, ao contrário, é o seu uso exagerado. A característica mais perigosa da avidez é precisamente a de ser «um instrumento da idolatria; porque vai em sentido oposto» ao caminho traçado por Deus para os homens. Por este motivo, acrescentou o Pontífice, «Jesus diz coisas tão duras e tão fortes, contra o apego ao dinheiro»: por exemplo, quando recorda «que não se podem servir dois senhores: ou Deus ou o dinheiro». Um comportamento em aberto contraste com esta confiança na misericórdia divina é precisamente o do protagonista da parábola evangélica, o qual não conseguia pensar em mais nada a não ser na abundância do grão colhido nos campos e dos bens acumulados. Um comportamento que, segundo o Papa, acalenta a ambição de alcançar uma espécie de divindade, «quase uma divindade idólatra», como testemunham os pensamentos do homem: «Alma minha, tens à disposição muitos bens, por muitos anos; repousa, come, bebe, diverte-te».

Mas é precisamente então que Deus o reconduz à sua realidade de criatura, advertindo-o com a frase: «Insensato, esta mesma noite ser-te-á pedida a tua vida». Porque, concluiu o bispo de Roma, «este caminho contrário ao caminho de Deus é uma insensatez, conduz longe da vida. Destrói qualquer fraternidade humana». Enquanto o Senhor nos mostra o caminho verdadeiro. Que «não é o caminho da pobreza para a pobreza»; ao contrário, é o caminho da pobreza como «instrumento, para que Deus seja Deus, para que Ele seja o único Senhor, não o ídolo de ouro». Com efeito, «todos os bens que possuímos, o Senhor no-los concede para que sejam em benefício do mundo, da humanidade, para ajudar os outros».

Na missa celebrada na manhã de sexta-feira **18 de Outubro**, o Papa Francisco dirigiu o pensamento para «três ícones» do sofrimento: Moisés, João Baptista e Paulo. Moisés que lutava contra os inimigos; João Baptista sentia-se atormentado pela angústia, e Paulo, o qual

confidencia a Timóteo toda a sua amargura.

A meditação sobre as frases finais da vida destes personagens sugeriu ao santo Padre «a recordação daqueles santuários de apostolicidade e santidade que são as casas de repouso dos sacerdotes e das religiosas». Visitá-los significa realizar «verdadeiras peregrinações, a estes santuários de santidade e apostolicidade», como se fôssemos peregrinos que visitam os santuários marianos ou dedicados aos santos. «Mas pergunto-me — acrescentou o Papa — nós cristãos temos vontade de fazer uma visita, que será uma verdadeira peregrinação? Nas casas de repouso «as religiosas e os sacerdotes — disse o Papa — esperam o Senhor quase como Paulo: um pouco tristes, deveras, mas também com uma certa paz, com rosto alegre». Precisamente por isto faz «bem a todos pensar nesta etapa da vida que é o ocaso do apóstolo».

E na quinta-feira **17 de Outubro**, o Pontífice centrou a sua homilia no trecho evangélico de Lucas (11, 47-54), que apresenta a advertência de Jesus aos doutores da lei: «Ai de vós porque vos apoderastes da chave da ciência: Vós próprios não entrastes e impedistes a entrada àqueles que queriam entrar», associando-vos à imagem de «uma igreja fechada» na qual «as pessoas que passam em frente não podem entrar» e de onde «o Senhor que está dentro não pode sair». Eis a exortação aos «cristãos que têm nas mãos a chave e a levam embora, não abrem a porta», ou pior, «param na frente da porta» e «não deixam ninguém entrar». E exortou a pedir ao Senhor a graça de nunca deixar «de rezar para não perder a fé» e de «permanecer humildes» para não se transformar em pessoas fechadas «que não abrem a porta ao Senhor».